



COINTER PDVL 2023

X CONGRESSO INTERNACIONAL DAS LICENCIATURAS
Edição Presencial Recife (PE) | 29, 30 de nov a 1 de dez
ISSN: 2358-9728 | PREFIXO DOI: 10.31692/2358-9728

A EDUCAÇÃO E O IMAGINAR: PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM A DOCÊNCIA

EDUCACIÓN E IMAGINACIÓN: PRINCÍPIOS QUE GUÍAN LA ENSEÑANZA

EDUCATION AND IMAGINING: PRINCIPLES THAT GUIDE TEACHING

Apresentação: Pôster

Adrielly Adriana de Almeida¹; Maria José Paula Pereira²; Kilma da Silva Lima Viana³

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo a apresentação de como a prática do estágio é essencial na formação dos professores, sobretudo, como um caminho que proporciona a observação de quais as práticas pedagógicas que podem contribuir, significativamente, em uma educação transformadora e crítica para a formação das crianças nos anos iniciais. Além, de evidenciar o respeito e a valorização do ser criança, onde na descrição de sua trilogia (MANOEL DE BARROS, 2005,2006, 2007) pontua que “a escrita de uma memória teria que ser sempre a escrita de uma infância – imaginária, sim, porém, enraizada na experiência vivida.”

Por essa razão, a oportunidade de vivenciar o Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é muito importante, porque possibilita conhecer de perto o que acontece na sala de aula, atentando a um olhar mais crítico e, principalmente, acolhedor respeitando as subjetividades e especificidades do contexto local, social e econômico de cada criança. Sendo assim, tem como **objetivo geral** analisar as práticas pedagógicas que contribuem para uma educação transformadora e crítica.

Assim, levantamos a seguinte **problemática** “quais as práticas pedagógicas que podem contribuir, significativamente, em uma educação transformadora e crítica para a formação das crianças nos anos iniciais? ”

Como **justificativa**, compreendemos que o espaço do estágio desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem dos estudantes, já que cada espaço possui especificidades que contribuem de maneira importante para a criação de um ambiente de ensino eficaz, o que Freire (1997) chamou de educação libertadora.

1 Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco – CAA, adrielly.almeida@instituidv.org

2 Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco – CAA, paula.pereira@instituidv.org

3 Doutora, Instituto Federal de Pernambuco, kilma.viana.@vitoria.ifpe.edu.br

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A aprendizagem e seu processo educativo é nutrido de métodos de humanização, estes que se iniciam desde a pouca idade das crianças até quando adultas. Pensar o processo educativo, é pensar que o mesmo possui uma finalidade, algo que espera se almejar numa perspectiva de conhecimento subjetivo e construção de identidades, relacionando métodos e práticas, pois “se o homem aceitasse sempre o mundo como ele é, e se, por outro lado, aceitasse sempre a si mesmo em seu estado atual, não sentiria a necessidade de transformar o mundo nem de transformar-se.” (VÁZQUEZ, 1997, p. 192)

Conforme Vázquez (1997) existem dois tipos de atividade, a cognitiva e a teleológica. Por atividade cognitiva, compreendemos que a mesma é somente a reprodução que vislumbra o entendimento, portanto sendo determinista e limitada, sem espaço para modificações e/ou ressignificações é, sobretudo, evidenciada pela inatividade, sem intervir com efeitos significativos no processo. Já a atividade teleológica, traz uma premissa de atuação, que tem uma finalidade, uma causa da ação real do que pode ser almejado. Portanto, o estágio se caracteriza como uma atividade teleológica, em razão da busca da realização da práxis.

Consideramos importante destacar como o exercício da práxis tem relevância nessa etapa de escolarização das crianças e na formação inicial de professores (as), isso é justificado a partir da conexão existente entre teoria e prática, já que a práxis possibilita que os professores (as) adotem conceitos e teorias pedagógicas voltadas para situações reais na sala de aula, estimulando e reforçando a compreensão ao tornar o aprendizado mais significativo para as crianças.

O desenvolvimento de habilidades práticas também exemplifica a influência da práxis no processo de ensino e aprendizagem, já que os professores (as) podem desenvolver habilidades práticas, tais como: planejamento de aulas, avaliação de alunos, gestão de sala de aula e adaptação de estratégias de ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Em suma, a práxis desempenha um papel indispensável na etapa de escolarização das crianças e na formação docente, nos capacitando para o desenvolvimento de conceitos teóricos e o desenvolvimento de habilidades práticas, contribuindo assim, para a reflexão sobre a prática e a aprendizagem autêntica.

Todavia, vale destacar a imaginação pois é, sobretudo, através dela que há grandes



possibilidades de aprendizagem e construção do senso crítico e reflexivo. Entendemos que a imaginação abre inúmeros caminhos adjuntos das relações com o sujeito e o meio, nessa perspectiva contribuindo com a ideia de aprender também com o outro através das experiências, pois,

há um outro que não corresponde simplesmente à forma decalcada de um outro eu, há um outro cuja existência não se define exclusivamente à minha diferença, há um outro aquém e além de sua diferença em relação a mim. (CARDOZO, 2008, p. 291)

Ademais, Cardozo (2013) pontua que “a voz é sopro, é ar em movimento, mas é também anima, signo de um outro.” Ou seja, percebemos a importância da escuta atenta e aberta ao que o outro tem a nos dizer, sobretudo em deixar de lado a perspectiva de uma metodologia de ensino evidenciada na imposição ou determinismo e sem uma interação e/ou intervenção dos alunos entre o meio e com o outro. O modo como o professor guia sua aula é determinante ao que seus alunos vão compreender e perpassar fora dos muros da escola.

Possibilitar aos alunos, não só a voz, mas também a sua ação, é demonstrar e valorizar a sua capacidade de tecer significantes processos de ensino e reflexão, em conjunto com as diferentes formas de enxergar e compreender situações, levando em consideração a imaginação e invenção de cada aluno, que possibilita uma pluralização de conceitos e singularização de outros, desse modo, formando sujeitos ativos e críticos dentro de uma sociedade que deve ser constantemente questionada em busca de mudanças, ressignificações e, sobretudo, equidade.

Compreendemos que a aula é onde as crianças interagem e participam em seu meio, é nesse espaço que acontecem interações importantes e significativas entre as crianças, e também o professor (a). Desde muito pequenas as crianças ocupam espaços educacionais, estes que são nutridos por muitas diversidades, especificidades e intencionalidades, o que torna cada espaço uma nova descoberta. Pois,

a aula é constituída de um sistema complexo de significados, de relações e de intercâmbios que ocorrem num cenário social que define as demandas de aprendizagem.” (VEIGA, 2008, p. 269).

Nessa perspectiva, entendemos que a aula se fomenta por meio de um diálogo entre professores e alunos, não havendo desse modo, uma hierarquização. O aluno é, sobretudo,



protagonista da aula, onde o professor é responsável por mediar a ação, esta que é atravessada por caminhos didáticos.

Então, permitir que a imaginação das crianças seja posta em protagonismo é de suma importância, pois compreendemos que com a possibilidade de imaginação e de reflexão o conhecimento vai muito além, as perspectivas são valorizadas e relacionadas no processo de ensino-aprendizagem alavancando assim, uma educação mais ampla e pautada em significados atravessados pelas crianças, então “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p.9). Ou seja, é preciso que a criança entenda primeiro o que está em sua volta de acordo com sua realidade, através de suas perspectivas e imaginações, para então, relacioná-las ao que é vivenciado em sala de aula.

METODOLOGIA

O presente artigo, para isso, toma como metodologia a pesquisa qualitativa exploratória, tendo em vista que foram observados a partir da qual sintetizamos ideias de autores, bem como, acrescentamos também as nossas ideias. Pois, segundo Gil (2002), pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola da rede municipal localizada na zona urbana de São Caitano-PE, em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. Onde tomamos como base a observação de como se deu os processos de ensino e aprendizagem da professora junto com a turma, tendo a oportunidade de realizar também a regência que, para além de cumprir carga horária, possibilitou um aprofundamento nas práticas pedagógicas que são existentes nas escolas.

Contudo, essa pesquisa busca descortinar a relevância do estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir da observação sobre os meios, acontecimentos e possíveis descobertas no ambiente escolar, além da atuação em campo através da regência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao decorrer de nossas observações pudemos notar que as práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula ainda são muito deterministas e mecânicas. O ensino por vezes



ainda é definido como aprender a ler e escrever e aprender a resolver problemas matemáticos. Pouco foi visto de um ensino mais amplo, que abrangesse práticas pedagógicas significativas que valorizassem o ser criança, sua imaginação, brincadeiras e perspectivas, até mesmo as leituras dos alunos é determinada pelo (a) professor (a). Ou seja, a leitura não se caracteriza como um ato espontâneo e livre para as crianças, onde as mesmas podem imaginar e construir ideias e pensamentos próprios.

Ademais, foi percebido também, que na sala de aula a atividade que predomina é a que Vázquez (1997) chamou de cognitiva, onde as crianças somente aprendem conteúdos metódicos, prontos e irrefutáveis. Construindo assim, sujeitos sem nenhuma capacidade de pensar, refletir e questionar. Não obstante a isso, percebemos também que na sala de aula pouco é permitido que o aluno expresse suas vontades, ideias e pontos de vista. O professor ainda é visto como o detentor de todo conhecimento, deixando assim, de dar o espaço e lugar de voz, de pertença do aluno, sobretudo em trocas de conhecimentos e experiências ora com aluno e aluno, ora com professor e aluno.

Durante nossas observações, evidenciamos várias particularidades que nos motivaram e possibilitaram uma ressignificação de novas ideias e sentidos. Além disso, pudemos notar que de fato, é na sala de aula que as vivências do ser docente se realizam; e é justamente por isso que se faz necessário que o docente em suas aulas tenha o entendimento de que o planejar não é somente “se programar para algo”, mas é algo que vai muito além disso. Planejar é estar envolvido no processo e nas relações, é compreender que somos humanos e que por isso, estamos em constante mudança.

CONCLUSÕES

Mediante o que observamos e vivenciamos pudemos notar que é certo que o estágio é marcado, por dúvidas, mas, sobretudo, por descobertas. A partir do que vimos percebemos que o ser professor (a) vai muito além do que somente desenvolver uma aula, é preciso que o professor (a) seja um mediador de questionamentos e reflexões que possam atravessar seus alunos. Compreender que o ser professor (a) é um processo contínuo e constante também foi uma das contribuições a nós permitidas através do estágio.

Corroborando assim, em um caminho para a resposta que motivou essa pesquisa, onde



percebemos que as práticas pedagógicas que contribuem de maneira significativa nos anos iniciais, são as que buscam a imaginação e a invenção das crianças, motivadas pelos professores (as), momentos de leituras livres, de fala e escuta, são grandes caminhos contribuintes nesse processo, que é sobretudo, inacabável. Entendemos e evidenciamos a criança como uma potência, na qual precisamos regar, cultivar e motivar em busca não somente de uma aprendizagem de disciplinas, mas sobretudo, na construção de sujeitos críticos na sociedade, alargando seus conhecimentos e perspectivas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas*. 1º ed.- Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

CARDOZO, Mendonça Maurício. **Tradução e o (ter) lugar da relação**. Revista outra travessia (UFSC): 2013.

FREIRE, Paulo. **Considerações em torno do ato de estudar**. In: *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

VÁZQUEZ, A. S. O que é práxis? In: **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA, I. P. A. **Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata**. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

